

# A PESQUISA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DO ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR<sup>1</sup>

Eliane Moreira de Souza<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-6592-6723>

Universidade de Uberaba, Brasil

[elianemoreirasouza@yahoo.com.br](mailto:elianemoreirasouza@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

O ingresso no ensino superior impõe diversas mudanças na vida do estudante. Da consolidação do ensino básico, a ele, agora, é oferecida uma nova etapa que, entre as possibilidades, propõe a qualificação profissional. E, assim, o aluno ingressa na faculdade, muitas vezes, buscando apenas a tão almejada formação profissional. Apesar da pesquisa ser o alicerce para produção do conhecimento, o que se percebe é que sua prática se figura como algo alheio à realidade de muitos estudantes e, se não estimulado pela instituição e docentes, o aluno fica fora das áreas de pesquisa e extensão que dariam a ele novas possibilidades de conhecimento e crescimento acadêmico. Neste contexto, de acordo com Borges e Alencar (2014, p. 128) é papel da instituição e do docente apresentarem ao estudante este novo universo que inclui a pesquisa:

A docência no Ensino Superior ainda é um desafio, pois nem sempre o professor está disposto a partilhar com os acadêmicos o processo educativo. Democratizar o espaço da sala de aula parte do pressuposto de que a prática pedagógica deve ser permeada pela pesquisa, contribuindo de forma ativa para a descoberta e para o

---

<sup>1</sup>DOI - 10.29388/978-65-81417-97-0-0-f.141-158

<sup>2</sup> Aluna do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade de Uberaba (UNIUBE), (2021-2024).

desenvolvimento de uma atitude de autonomia intelectual.

Dessa forma, por que fazer pesquisa na educação superior? Neste momento tomamos a liberdade de citar uma frase de rede social que sintetiza a importância da pesquisa no ensino superior e chama a atenção para a consciência e despertar dos estudantes sobre o papel da educação: “[...] estudar nunca deveria vir associado com esse negócio de ser, alguém na vida. Todo mundo é alguém na vida. Todo mundo importa. Estude para mudar o mundo para melhor, não para se achar melhor que todo mundo, (LINHARES,2020). A autoria é desconhecida, mas relata um dos papéis do estudante, enquanto pesquisador, que é o de contribuir com a transformação da realidade social. Severino (2007, p. 23) reforça este pensamento quando afirma que “[...] a universidade, em seu sentido mais profundo, deve ser entendida como uma entidade que, funcionária do conhecimento, destina-se a prestar serviço à sociedade no contexto da qual ela se encontra situada.”. Desta forma, fazer pesquisa, em sucinta descrição, seria: produzir e levar conhecimento para outros.

Para um pesquisador, a produção do conhecimento começa a partir de uma inquietação que vai resultar no problema que deseja estudar. A partir daí desenvolve o tema e objeto a ser estudado. Em síntese seria assim: o que eu quero saber (tema)? Para que? Por quê (justifico a pesquisa)? Onde? Como vou pesquisar? (Objeto, que pode ser dado técnico, documentos e a metodologia). Tudo isso é importante para apontar a relevância do trabalho e se de fato a pesquisa vai provocar transformações sociais e se desenvolver. A partir do momento que o pesquisador utiliza essas indagações, ele problematiza sua pesquisa e possui o recorte do período que será analisado e sua contextualização. Logo, fazer pesquisa envolve afinidade com o tema, saber ouvir pares, pesquisar se possível mais de uma fonte, e provocar questionamentos que devem contribuir

por meio de transformações da realidade ou contexto pesquisado.

Mas por que pesquisar? Que ganhos o estudante pode obter enveredando por este caminho na graduação? O objetivo deste artigo é refletir acerca das contribuições da pesquisa, na formação de estudantes do ensino superior e apontar a importância da pesquisa como objeto de transformação social, quando inserida na vida acadêmica do estudante de graduação. O trabalho aponta, ainda, breves caminhos para o início dessa caminhada que é o ato de pesquisar.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **Mudança de Contexto - o ingresso no ensino superior**

Adolescência, um momento que envolve inúmeras mudanças: pessoais, fisiológicas, psicológicas e cognitivas. Momento em que o jovem passa por um turbilhão de sentimentos e escolhas. Neste momento vem também as escolhas e as cobranças da sociedade que já exige, naquele momento, que escolha sua nova trajetória no campo profissional, assumindo seu papel de trabalhador na sociedade a qual está inserido. Desta forma, ao terminar o ensino médio, a cobrança é que este estudante ingresse no mercado de trabalho ou siga a carreira acadêmica, com a proposta de ter uma vida profissional mais apurada.

O ingresso no ensino superior representa para o aluno uma nova etapa da vida. O estudante que, até então, vivia em um ambiente escolar que representava a etapa final do ensino básico, se depara com o desafio da escolha profissional e a oportunidade de se tornar um trabalhador qualificado (RAMOS, 2011). Desta forma, o discente chega ao ensino superior com essa premissa. A própria Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, em seu artigo 35, inciso II, que o assistia, até então, aponta que o ensino médio deve oferecer “[...] a preparação básica para

o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores.” (BRASIL, 1996, n.p). Este registro deixa clara a finalidade de prepará-lo para o trabalho sendo essa, então, uma das essências do ensino médio, quando o que se deveria era, também, prepará-lo por meio da pesquisa e do pensamento reflexivo a fim de entrar na vida adulta com ferramentas intelectuais que o incitasse a batalhar por seus direitos e a olhar a sociedade de forma crítica.

O estudante chega, agora, à universidade, espaço onde a pesquisa científica acontece. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB -Lei nº 9.394/1996, em seu artigo 43, define entre as finalidades do ensino superior, a de “[...] incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica [...]”, bem como “[...] estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo.” (BRASIL, 1996), porém não fica clara sua obrigatoriedade.

Para Severino (2007, p. 22), “[...] o ingresso no ensino superior implica uma mudança substantiva na forma como professores e alunos devem conduzir os processos de ensino aprendizagem.”, esta mudança, que envolve o ensino-aprendizagem em nível superior, “[...] precisa ser intencionalmente assumida e efetivamente praticada, sob pena de comprometer o processo, fazendo-o perder sua consistência e eficácia.” (SEVERINO, 2007, p. 22). Desta forma, o papel do docente, conforme Borges e Alencar (2014, p. 128), é primordial para instigar o estudante a enveredarse neste “novo mundo” que lhe é apresentado e ancorado pela pesquisa:

[...]nem sempre o professor está disposto a partilhar com os acadêmicos o processo educativo. Democratizar o espaço da sala de aula parte do pressuposto de que a prática pedagógica deve ser permeada pela pesquisa, contribuindo de forma ativa para a descoberta e para o desenvolvimento de uma atitude de autonomia intelectual. (BORGES; ALENCAR, 2014, p. 128).

O ensino que se limita a conhecimentos existentes e não propõe uma nova perspectiva que envolva o interesse em descobrir coisas novas, está condenado a apoiar a permanência de práticas descompassadas com o ambiente que o espera após a conclusão da graduação. Consequentemente, ensinar e orientar é contribuir para as pessoas encontrarem soluções para os problemas impostos pela vida. Portanto, o ensino só tem sentido quando possibilita a descoberta e a curiosidade, como define Freire (1996, p. 29):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses querer-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Portanto, o ensino e a pesquisa devem andar juntos, sempre em complemento. Seria importante, então, que o método investigativo fosse inserido já na escola básica, a fim de ensinar e incentivar os estudantes desde cedo a se questionarem sobre o mundo a sua volta e a buscarem soluções para as perguntas que surgissem, de forma científica, embasada e racional. Dessa forma, a comunicação também seria trabalhada para que as ideias, perguntas e respostas fossem expostas de forma assertiva e, durante o ensino superior, isso fosse apenas aprofundado e lapidado.

## **Construção do conhecimento na Graduação**

A história da educação brasileira aponta que a educação superior, durante muito tempo, se estruturou como lugar de formação profissional. Severino (2007, p. 29) descreve este cenário como:

[...] escolas superiores totalmente desequipadas das condições necessárias ao desenvolvimento de uma prática de pesquisa,

destinadas [...] apenas a profissionalizar, mediante o repasse de informações, de técnicas e habilitações pré-montadas.

Em contrapartida, no senso comum, a universidade é vista como espaço onde acontece a pesquisa científica. Desta forma, Abreu e Almeida (2008, p. 78) afirma:

Notamos uma espécie de desconexão entre o que se vive nas escolas e o que se pensa nas universidades. Esta mesma ideia que colocamos é sustentada pela comunidade científica, ou seja, o lugar de análises, produção de conhecimento, construção de pesquisa é a universidade, sendo que somente alguns é que são realmente capazes de fazê-lo. À escola cabe receber (quando recebe) o trabalho concluído e aplicar, se for possível.

Assim sendo, segundo Severino (2007, p. 23), “[...] a tradição cultural brasileira privilegia a condição da universidade como lugar de ensino, entendido e, sobretudo, praticado como transmissão de conteúdos acumulados de produtos do conhecimento.”. O autor salienta, no entanto, que “[...] apesar da importância dessa função, em nenhuma circunstância, pode-se deixar de entender a Universidade igualmente como lugar priorizado da produção do conhecimento.” (SEVERINO, 2007, p. 24).

Para o autor, a universidade deve ter na pesquisa, seu ponto de partida. “[...] dada a natureza específica de seu processo, a educação superior precisa ter na pesquisa o ponto básico de apoio e de sustentação de suas outras duas tarefas, o ensino e a extensão” (SEVERINO, 2007, p. 23). Assim, o ensino superior deve atingir três objetivos articulados entre si: formação de profissionais das diferentes áreas, formação de cientistas e a formação do cidadão.

Por sua vez, de acordo com Moraes (1997) é necessário rever a educação no sentido do trabalho pedagógico para formar cidadãos criativos, autônomos, críticos, cooperativos e solidários:

[...] o modelo convencional de ensino adotado pela maioria das escolas, nos mais diversos países, não estimula o pensamento divergente,

a criatividade, a criticidade, não gera ambientes para descobertas científicas, para desenvolvimento de um trabalho cooperativo, além de uma série de outros valores que necessitam ser resgatados nos novos ambientes de aprendizagem. (MORAES, 1997, p. 20).

O autor complementa esse pensamento, quando afirma que:

[...] na universidade, ensino, pesquisa e extensão efetivamente se articulam, mas a partir da pesquisa, ou seja: só se aprende, só se ensina, pesquisando; só se presta serviços à comunidade, se tais serviços nascerem e nutrirem da pesquisa. (SEVERINO, 2007, p. 23).

Portanto, para Severino (2007, p. 25),

[...] o conhecimento deve ser adquirido não mais através de seus produtos, mas de seus processos. [...] na universidade o conhecimento deve ser construído pela experiência ativa do estudante e não mais ser assimilada passivamente.

O autor enfatiza, também, que “[...] ensino e aprendizagem só serão motivadores se seu processo se der como processo de pesquisa.” (SEVERINO, 2007, p. 26). Assim, o estudioso acrescenta que “[...] na Universidade, a pesquisa, assume uma tríplice dimensão epistemológica: a perspectiva do conhecimento. Só se conhece construindo o saber, ou seja, praticando a significação dos objetos.”, e ressalta:

Não se trata de transformar a universidade em Instituto de Pesquisa. Ela tem natureza diferente do Instituto de Pesquisa tanto quanto ela se diferencia de uma Instituição Assistencial. O que está em pauta, em verdade é que sua atividade de ensino, mesmo quando se trata de uma simples faculdade isolada, deve ser realizada sob uma atitude investigativa, ou seja, sob uma postura de produção do conhecimento. (SEVERINO, 2007, p. 31).

Corroborando esta ideia, Demo (2007) aponta que a pesquisa contribui com a transformação do estudante, tornando-o capaz de propor intervenções críticas e inovadoras. O estudo é visto pelo autor como uma forma de conscientizar crítica e reflexivamente o estudante, retirando-o de um lugar passivo, de quem apenas recebe o conhecimento. A

transformação social só é possível, portanto, quando o sujeito é retirado da condição de objeto e passa a ser ativo na produção de pensamento. É preciso que o estudante se constitua como um ser pensante, em constante transformação pela pesquisa, pela educação e pelos questionamentos.

## **O “caminho” do aprendizado**

O caminho da pesquisa vem sendo construído há milênios. Neste trabalho vamos discorrer apenas sobre as três bases epistemológicas que mais influenciaram a prática pedagógica em época de modernidade: empirismo, dialética e inatismo.

No empirismo, de acordo com Preti (2000, p. 1),

[...] as impressões sensíveis se vão depositando, transformando-se, depois, por via de determinados processos mentais, em conceitos e ideias gerais. O conhecimento se daria, assim, fundamentalmente, na leitura da realidade via sentidos, partiria de uma ação sobre o sujeito. Essa maneira de conceber o processo de produção do conhecimento influenciou as teorias psicológicas e pedagógicas, sobretudo no último século. O processo de ensinar e aprender é centrado na figura do professor.

Neste contexto, é papel do professor definir os conteúdos que serão apresentados e organizar as estratégias que melhor contribuam com seu aprendizado. De acordo com Preti (2000, p. 1), “[...] predominam as atividades da cópia, da repetição, da memorização, do acúmulo de informações isoladas, o não questionamento, a submissão à autoridade do professor etc. Trata-se muito mais de instruir, ensinar e treinar do que formar e educar.”. Desta forma, a organização pedagógica é imposta de cima para baixo, partindo do Ministério da Educação, Secretarias Estaduais e Municipais de Ensino, escola e professor. Neste modelo, de acordo com Preti (2000), o contexto é visto como uma linha de produção em que os estudantes são a matéria prima, o professor, é o trabalhador que segue

orientações e as ferramentas seriam as tecnologias.

Por sua vez, a teoria inatista afirma que:

[...] ao contrário do que sustenta o empirismo, é mediante a razão que se descobrem os princípios gerais sobre a realidade e que estes serão confirmados ou não mediante o conhecimento de fatos particulares. Pois, os homens ao nascerem seriam agraciados por Deus que lhes confere ideias inatas (inatismo), ideias “a priori” (apriorismo). Por meio de um processo mental (da razão, racionalismo), partindo de teorias e leis, na maioria das vezes, teríamos a capacidade e a possibilidade de fazer predições sobre a ocorrência de fenômenos particulares. O conhecimento, portanto, seria intelectual, provindo das ideias e não da experiência. (PRETI, 2000, p. 3).

Neste caso, o foco central do processo de aprendizagem é o estudante que teria uma capacidade de aprender, assumindo a responsabilidade do aprendizado. Instituição escolar e professor, neste ambiente, deveriam despertar, facilitar e ancorar o aluno. Já a dialética, por sua vez,

[...] propõe uma alternativa de superação da oposição e dualidade empirismo-inatismo, pois rejeita o absolutismo de um dos pólos. É a busca de uma síntese de duas posições que historicamente se digladiaram, ao afirmar que a realidade é dialética, é um processo de ir e vir, de reflexão-ação, de interação da experiência sensorial e da razão, da interrelação sujeito e objeto, sujeito etc. (PRETI, 2000, p. 4).

Assim, na dialética, o conhecimento se figura como um resultado de interações. A aprendizagem é um processo de construção do estudante, reunindo sua relação com os entornos físico e social. Desta forma, o processo de aprendizado está ligado tanto ao sujeito propriamente dito, sua história de vida, sua motivação e interesse em aprender, quanto das condições que o circundam, como a qualidade do ensino oferecido pela escola e pelo professor.

## **O que vem a ser pesquisa?**

Pesquisa pode ser encarada como respostas para problemas, a

busca e a reorganização de informações, investigação sistemática. Definições não faltam, mas o que vem a ser pesquisa? Descreveremos, então, as diversas concepções de pesquisa, por parte de alguns autores.

Segundo Marcos Bagno (2007, p. 17), no latim, “pesqui-sa” possui como origem o verbo perquirir, que significa: “[...] procurar; buscar com cuidado; procurar em toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem; aprofundar na busca.”. Richardson (1999) complementa que pesquisa é um processo de construção do conhecimento com a finalidade de criar um saber, propiciando aprendizagem ao pesquisador e a sociedade. Pádua (1996, p. 29) corrobora com esta ideia, ao descrever pesqui-sa como

[...] toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos orientem em nossas ações.

Para Gatti (2002, p. 9-10) “[...] pesquisa é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa.”. Ainda, segundo a autora, a pesquisa deve “[...] nos dar uma base de entendimento sobre uma realidade e, a partir disso, transformá-la.” (GATTI, 2002, p. 33). Minayo (2014, p. 40) aponta que “[...] não é apenas o investigador que dá sentido a seu trabalho intelectual, mas os seres humanos, os grupos e a sociedades dão significado e intencionalidade e interpretam suas ações e construções.”.

Gil (1999, p. 42), por sua vez, explica a pesquisa como “[...] o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico.”. Já Appolinário (2004, p. 150) a define como um “[...] processo através do qual a ciência busca dar respostas aos problemas que se lhe apresentam. Investigação sistemática de determinado assunto que visa obter novas

informações e/ou reorganizar as informações já existentes sobre um problema específico e bem definido.”.

Portanto, a pesquisa é uma forma racional e científica de responder, por meio de estudos ou do que demandar determinado método investigativo, questionamentos acerca do mundo. Dessa forma, a pesquisa pode representar um modo de mudança social, pois, durante o seu processo, mais questionamentos surgem e se transformam em ações que, por sua vez, permitem que o sujeito enxergue o seu contexto sob prismas antes não percebidos. Pesquisando, o indivíduo sai da posição de objeto, de massa de manobra, para ativo e construtor do conhecimento, pensante e transformador.

### **Como se caracteriza a pesquisa?**

Será que basta ter olhar curioso, construir determinado conhecimento para que a pesquisa seja científica? O caminho é um pouco mais sinuoso. Para que seja considerada uma pesquisa científica, a investigação deve ser feita de forma sistematizada, utilizando métodos e técnicas. De acordo com Chauí (2000, p. 201), método é um “[...]conjunto de regras certas e fáceis para alcançar todos os conhecimentos possíveis ao entendimento humano. O método dá segurança ao pensamento e economiza esforços inúteis.”.

Desta forma, para desenvolver pesquisa, se faz necessário todo conjunto que envolve teorias e técnicas que, aliadas à metodologia, apontam ao pesquisador o caminho da pesquisa. Segundo Minayo (2014, p. 45), “[...] se teoria, métodos e técnicas são indispensáveis para a investigação social, a capacidade criadora e a experiência do pesquisador também jogam papel importante.”. Neste desenrolar, o conhecimento científico é construído, envolvendo teoria e realidade empírica.

Na pesquisa, além do suporte teórico, o pesquisador deve analisar seu objeto à luz de suposições filosóficas, por meio da abordagem epistemológica, por conseguinte deve “[...] buscar na filosofia seus princípios e, na ciência, seu objeto.” (GAMBOA, 1997, p. 65). Assim, a pesquisa passa por uma gama de disciplinas que, isoladas, podem deixar a experiência do saber que se procura incompleta ou insatisfatória.

**Quadro 1** - Resumo dos conceitos centrais

<b>Tema</b>	<b>Conceito</b>	<b>Autores</b>
Pesquisa e Ensino Superior	“O Ensino Superior ainda é um desafio, pois nem sempre o professor está disposto a partilhar com os acadêmicos o processo educativo. Democratizar o espaço da sala de aula parte do pressuposto de que a prática pedagógica deve ser permeada pela pesquisa, contribuindo de forma ativa para a descoberta e para o desenvolvimento de uma atitude de autonomia “intelectual.””	BORGES; ALENCAR (2014, p. 128).
Pesquisa e Ensino Superior	“A universidade, em seu sentido mais profundo, deve ser entendida como uma entidade que, funcionária do conhecimento, destina-se a prestar serviço à sociedade no contexto da qual se encontra situada.”	SEVERINO (2007, p. 23).
Ensino aprendizagem	“O ingresso no ensino superior implica uma mudança substantiva, na forma como professores e alunos devem conduzir os processos de ensino aprendizagem.”	SEVERINO (2007, p. 22).
Ensino aprendizagem	“[...] precisa ser intencionalmente assumida e efetivamente praticada, sob pena de comprometer o processo, fazendo-o perder sua consistência e eficácia.”	SEVERINO (2007, p. 22).
Ensino e Pesquisa	“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses querer-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”	FREIRE (1996, p. 29).

Escola e Ensino Superior	<p>“Notamos uma espécie de desconexão entre o que se vive nas escolas e o que se pensa nas universidades. Esta mesma ideia que colocamos é sustentada pela comunidade científica, ou seja, o lugar de análises, produção de conhecimento, construção de pesquisa é a universidade, sendo que somente alguns é que são realmente capazes de fazê-lo. À escola cabe receber (quando recebe) o trabalho concluído e aplicar, se for possível.”</p>	<p>ABREU; ALMEIDA (2008, p. 78).)</p>
Ensino Superior e Pesquisa	<p>“[...] dada a natureza específica de seu processo, a educação superior precisa ter na pesquisa o ponto básico de apoio e de sustentação de suas outras duas tarefas, o ensino e a extensão.”</p>	<p>SEVERINO (2007, p. 23).</p>
Ensino e pensamento crítico	<p>[...] o modelo convencional de ensino adotado pela maioria das escolas, nos mais diversos países, não estimula o pensamento divergente, a criatividade, a criticidade, não gera ambientes para descobertas científicas, para desenvolvimento de um trabalho cooperativo, além de uma série de outros valores que necessitam ser resgatados nos novos ambientes de aprendizagem.”</p>	<p>MORAES (1997, p. 20).</p>
Ensino, Pesquisa e Extensão	<p>“[...] na universidade, ensino, pesquisa e extensão efetivamente se articulam, mas a partir da pesquisa, ou seja: só se aprende, só se ensina, pesquisando; só se presta serviços à comunidade, se tais serviços nascerem e nutrirem da pesquisa.”</p>	<p>SEVERINO (2007, p. 23).</p>
Ensino, Pesquisa	<p>“Não se trata de transformar a universidade em Instituto de Pesquisa. Ela tem natureza diferente do Instituto de Pesquisa [...] O que está em pauta, em verdade é que sua atividade de ensino, mesmo quando se trata de uma simples faculdade isolada, deve ser realizada sob uma atitude investigativa, ou seja, sob uma postura de produção do conhecimento.”</p>	<p>SEVERINO (2007, p. 31).</p>
Pesquisa	<p>“Na pesquisa, além do suporte teórico, o pesquisador deve analisar seu objeto à luz de suposições filosóficas, por meio da abordagem epistemológica, por conseguinte deve “buscar na filosofia seus princípios e, na ciência, seu objeto.”</p>	<p>GAMBOA (1997, p. 65).</p>

Pesquisa	“Toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos orientem em nossas ações.”	PÁDUA (1996, p. 29).
Pesquisa	“[...] processo através do qual a ciência busca dar respostas aos problemas que se lhe apresentam. Investigação sistemática de determinado assunto que visa obter novas informações e/ou reorganizar as informações já existentes sobre um problema específico e bem definido.”	APPOLINÁRIO (2004, p. 150).

**Fonte: Elaborado pela autora.**

## **METODOLOGIA**

Para elaboração desta pesquisa utilizou-se o estudo atento de um recorte bibliográfico acerca do tema. Essa forma de pesquisa consiste na leitura e fichamento do material selecionado, que serviu de subsídio para a escrita e fundamentação teórica do referido estudo.

O método aqui realizado se embasa nos pressupostos de que “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2002, p. 44). Portanto, a principal vantagem da pesquisa bibliográfica é ampliar o repertório do pesquisador, a fim de que abarque mais informações fenômenos do que poderia a partir de um arcabouço teórico limitado a seus conhecimentos.

## **CONCLUSÃO**

Um grande salto. Este termo se encaixa perfeitamente à nova concepção de vida acadêmica do estudante que sai do ensino médio e ingressa no ensino superior. Além de se deparar com disciplinas novas, o

estudante passa pelo momento da escolha profissional em uma instituição que deve oferecer a ele ensino, pesquisa e extensão.

Desta forma, a implantação do Ensino Superior que leve o graduando apenas à formação profissional, sem desenvolver a prática da pesquisa, pode tornar-se apenas transmissão de conteúdo e privar o estudante de agir com criatividade e iniciativa. Por meio da pesquisa, no entanto, o estudante é inserido na construção de um novo conhecimento, permitindo não só reagir ao meio, mas contribuir com sua transformação.

Desta forma, o conhecimento leva o estudante a propor uma ação e, também, reação. É importante, neste contexto, que o aluno tenha conhecimento das bases epistemológicas e situe-se no contexto educacional, desenvolvendo, assim, uma visão mais apurada do contexto em que está inserido.

A relação de práticas de pesquisa e ensino devem estar ligadas intrinsecamente, levando o estudante a um aprendizado e aperfeiçoamento constantes. É a pesquisa que vai promover sua transformação e mudança no contexto que está inserido.

Assim, cabe ao estudante, professor e instituição de ensino definirem a busca desta proposição, de contribuir para que o estudante saia do papel de “massa de manobra”, adquira consciência crítica, conteste, tenha iniciativa própria para reconstruir a realidade que está inserido. Cabe também aos envolvidos definirem em suas escolhas se desejam permanecer no papel de repetição ou buscarem seus papéis de pesquisadores e pertencentes a um contexto de transformação social.

## **REFERÊNCIAS**

ABREU, R.; ALMEIDA, D. Refletindo sobre a pesquisa e sua impor-

tância na formação e na prática do professor do ensino fundamental.

**Revista Entre Ideias: educação, cultura e sociedade**, Salvador, v.13, n. 14, p. 73- 85, jul./dez. 2008.

LINHARES, André. **Estudar nunca deveria vir associado com esse negócio de “ser alguém na vida”**. Curitiba, 17 jun. 2020. Facebook: @AndreLinhares. Disponível em: [https://www.facebook.com/AndreLinhares/posts/3980455898663233/?locale=pt\\_PT](https://www.facebook.com/AndreLinhares/posts/3980455898663233/?locale=pt_PT). Acesso em 12 mai. 2023

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004.

BAGNO, M. **Pesquisa na Escola o que é como se faz**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BORGES, T. S.; ALENCAR, G. **Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior**. **Revista E(A)2: Espaço de Apoio ao Ensino e Aprendizado**, ano 03, n. 04, p. 119-143, jul./ago. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3P5mOw3>. Acesso em: 08 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei das Diretrizes e Bases para a Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.html). Acesso em: 19 jun. 2021.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

DEMO, P. **Educar Pela Pesquisa**. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. 41. reimp. São Paulo: Paes e Terra, 1996.
- GAMBOA, S. S. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Argos, 1997.
- GATTI, B. A. A produção da pesquisa em educação no Brasil e suas implicações. In: GATTI, B. A. **A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002. p. 09-40.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2014.
- MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 1997.
- PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. Campinas: Papirus, 1996.
- PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 6. ed. Campinas: Papirus Editora, 2000.
- PRETI, Oreste. Autonomia do aprendiz na Educação a Distância. In: (Org). **Educação a Distância: construindo significados**. Brasília: Plano, 2000, p.125 - 145.
- RAMOS, M. N. O currículo para o ensino médio em suas diferentes modalidades: concepções, propostas e problemas. **Rev. Educação e So-**

**cidade**, Campinas, v. 32, n. 116, p. 771-788, jul./set. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/NrgqwnZ4vG6DP8p5ZYGn4Sm/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 08 maio 2022.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.